

VAN LUNEN-CHENU, Marie-Thérèse- GIBELLINI, Rosino: *Mulher e teologia* Tradução (do italiano) Maria Stela Gonçalves e Luiz João Gaio.- São Paulo: Loyola, 1992. 135 pp., 21x14 cm. ISBN 85-15-0004470-4

Traduzido do italiano, este livro retoma um estudo de M-T. van Lunen-Chenu, publicado originalmente no volume V da obra coletiva, dirigida por B. Lauret e F. Refoulé, *Initiation à la pratique de la théologie*, Paris, Cerf, 1983, e um ensaio de R. Gibellini sobre "Feminismo e teologia", publicado na *Rivista di teologia morale* 16 (1984) 473-505.

Pequena introdução a uma problemática que não é tão pequena: a irrupção da mulher na Igreja. Fenômeno novo e importante que chega até nós no bojo de outro movimento sociocultural complexo como é o feminismo contemporâneo.

É por isso que o primeiro estudo opta por uma abordagem de tipo epistemológico: definição do campo semântico dos conceitos em questão (mulher, teologia, feminismo) e das relações entre eles. É claro que essa definição dos termos não pode prescindir dos aspectos históricos, culturais e ideológicos que dão consistência concreta e, por isso mesmo, tornam problemáticas as relações entre mulher e teologia (tanto no feminismo como dentro da Igreja e da teologia). Nesse sentido, o estudo de v. L.-Ch. introduz de maneira inteligente na compreensão geral do problema.

Com breves pinceladas, R. G. esboça a gênese e as etapas do feminismo cristão, desde as suas origens no fim do século passado até a teologia feminista dos anos 60, identificando as diversas correntes, descrevendo as temáticas e mostrando o seu lugar no contexto da teologia contemporânea.

O próprio nome de "teologia *feminista*" já diz como se entende essa teologia "contextualizada" no movimento de emancipação, luta pela igualdade de direitos e libertação da mulher. Daí a diversidade de perspectivas e a variedade de tendências que a atravessam.

Dessa forma o ensaio de R. G. prolonga e aplica a várias questões teológicas a problemática levantada no primeiro estudo: a) que tipo de hermenêutica deve ser utilizada para ler e interpretar a Bíblia?; b) necessidade de uma pesquisa histórica sobre a tradição, capaz de retificar as omissões e reestruturar as interpretações com relação à mulher, assim como exorcizar os resquícios de demonização da mesma; c) a exigência de uma nova forma de humanismo, de novas relações ético-antropológicas, i.é., de uma antropologia que não seja de fato androcêntrica; d) questões de teologia sistemática como Deus, Cristo, Maria, etc. ; e) questões mais jurídicas e culturais do que propriamente dogmáticas, como a do sacerdócio da mulher, etc.

O desafio é amplo e a tarefa apenas iniciada. Enquanto *feminista*, tal teologia bebe e se inspira nas críticas teóricas e nas conquistas práticas do feminismo histórico. Momento este que está longe de ter sido esgotado. Tanto na sociedade como na Igreja. Para ser

teologia, contudo, ela terá que superar não só o "androcentrismo" dominante na teologia (e seu corolário: a teologia da feminidade), mas a tentação do "ginocentrismo", como afirmação unilateral do diferente, mas que não passaria de uma mudança de pólos (e o seu corolário: a transposição da luta de sexos na teologia e no mistério cristão).

C.P.

---

IMBACH, Josef: *¿De quién es Jesús? Su significación para judíos, cristianos y musulmanes* - Barcelona: Herder, 1991. 270 pp., 20x12 cm. ISBN 84-254-1748-1

Como diz claramente o subtítulo, este livro se interroga sobre o lugar que ocupa Jesus em cada uma das três grandes religiões monoteístas. Ao escolher Jesus, e não Moisés ou Maomé, o A. não oculta a perspectiva adotada: trata-se de um diálogo ou encontro entre religiões, mas a partir do ponto de vista cristão. Definir o ponto de vista próprio é essencial para qualquer diálogo. E assim o diálogo poderá ser autêntico e fecundo, não puramente apologético e muito menos polêmico.

Basta um rápido olhar sobre a história da Igreja para verificar a distância que existe, por exemplo, entre as declarações conciliares sobre a liberdade religiosa e o diálogo com outras religiões, e o que foi durante tantos séculos a prática real com relação aos judeus, ao Islã e aos dissidentes internos (inquisição). É a temática do cap. I.

Nos três capítulos seguintes J.I. trata de caracterizar que significa Jesus para o judaísmo (cap. II: o título por si só é revelador: "a volta do filho pródigo" ou a recuperação de Jesus como judeu), para o cristianismo (cap. III: "Filho do homem e Filho de Deus" ou breve introdução à fé em Jesus Cristo no NT e nos primeiros Concílios) e para o Islã (cap. IV: "enviado de Alá" ou Jesus como precursor de Maomé). O cap. V aborda a questão de Deus em cada uma das três religiões. E o último capítulo (cap. VI) examina a questão da Igreja como lugar de salvação (o "extra ecclesiam nulla salus"): em que sentido as outras religiões são de verdade caminhos de salvação que devem ser respeitados? O conjunto se termina com um útil glossário de termos especializados e um quadro cronológico da evolução histórica das três religiões.

É um livro ágil, bem informado e aberto que oferece, por isso mesmo, uma base sólida para um verdadeiro diálogo do ponto de vista e a partir dos seus pressupostos do cristianismo.

C.P.

---

FREI BETTO: *Teilhard de Chardin*. Sinfonia Universal. - São Paulo: Letras e Letras, 1992. 78 pp., 21 x 14 cm. ISBN 85-85387-36-X

Veio à luz neste ano. Mas já tinha sido arquitetado no seu arcabouço primeiro nos anos jovens do A. na década de 60 em parceria com o belga, já falecido, Conrado Detrez em forma de apostila. Naturalmente recebe nova forma, reatualizado com novos dados da ciência e da experiência do A.

Vem muito a calhar escrever sobre as intuições geniais de Teilhard, tão fortemente carregadas de utopia, nesse momento de pós-modernidade cética e desestruturada. As

"grandes narrativas" parecem perecer, dando lugar a cacos de sentidos, repescados, com esforço, para viver momentos fugazes, sem continuidade nem consistência de longa duração.

Frei Betto une nesse livro uma boa divulgação científica, em estilo caprichado e leve, com as idéias-mestras de Teilhard, sinteticamente bem trabalhadas.

Os dados científicos são colhidos da obra do físico inglês da Universidade de Cambridge S. Hawking: *Uma breve história do tempo*. Traça rápida história da evolução do universo desde o Big Bang inicial há 15 bilhões de anos. Nem faltou um jogo inventivo e imaginativo para explicar a possibilidade de existência de vida em algum planeta de outros sistemas solares.

Repassar de maneira clara as idéias principais de Teilhard, com toques de atualidade latino-americana, é momento gratificante que o livro oferece. A intuição central teilhardiana de uma unidade radical que tente superar os dualismos matéria x espírito e seus congêneres salta clara e instrutiva da leitura do texto. A dimensão social de alguém engajado dá à visão socializante de Teilhard um novo matiz que o genial francês não tinha. O corte espiritual, crístico, amorizante de Teilhard, em íntima harmonia com a matéria, atravessa a pequena obra de modo que ela contribui para a superação dos medos da alienação do espiritual, de um lado, e, da perdição pela paixão pela matéria, do outro. Teilhard na pena de Frei Betto torna-se importante mensagem para o Brasil de hoje nesse tunel escuro à busca de uma luz de esperança.

J.B.L

---

SANTOS, Luiz Pereira dos. *Catequese ontem e hoje*. Dos primórdios a Medellín. - São Paulo: Paulinas, 1987. 232pp., 20 x 13,5cm.

Não se trata de um livro de catequese, mas sobre a catequese. O livro tenta articular a experiência do catequista e a erudição do estudo da catequese. Numa primeira parte, faz-se uma história da catequese desde os primórdios até a atualidade com uma análise da evolução na linguagem, no conteúdo e na pedagogia. Termina-se esta parte com três modelos de ação pastoral e práxis catequética. A visão histórica é extremamente sucinta, onde se indicam apenas alguns traços de cada momento da história.

A segunda parte desenvolve a relação entre catequese, bíblia e teologia. Há uma visão da relação entre catequese e bíblia ontem e hoje, sobretudo insistindo sobre a oscilação do uso e papel da bíblia na catequese. O A. indica alguns modelos de interpretação da bíblia. A relação entre a catequese e a teologia atravessou momentos diferentes de simbiose passando por períodos conflitivos até um diálogo franco e aberto.

A terceira parte concentra-se na questão da linguagem e do ensino na catequese. Dum momento doutrinal passando por uma rejeição dos aspectos lingüísticos da catequese, procura-se hoje a correta relação entre catequese e linguagem. A linguagem está ligada à instituição, é produto social e transmite tradição. A catequese, como expressão de fé da Igreja, participa dessa função da linguagem, ao exprimir-se em linguagem. O A. trabalha os símbolos de fé nas suas expressões antigas e recentes, mostrando suas diversas funções: de confissão de fé, doutrinal e social. Usando elementos da lingüística, mostra como o credo tem funções da linguagem: expressiva, poética, preferencial. Esta parte termina com rápido estudo do ensino e do saber na catequese.

mostrando a importância do ensino para a fé. Há uma unidade entre saber e crer na catequese.

Na quarta parte, o A. dedica-se a estudar a catequese na sua relação com o magistério. A fé é dom de Deus dado ao povo de Deus, que é o seu guardião, ainda que é confiada ao magistério a função de garante da fé. Em poucas páginas, o A. trata da relação do magistério com a catequese na igreja primitiva, no tempo dos padres e sobretudo nesse século de Pio X até o sínodo sobre a catequese em 1977. Num capítulo à parte, estuda Medellín e Puebla.

Na quinta parte, o A. procura uma melhor compreensão da catequese. Parte de uma série de definições clássicas de teólogos famosos, papas, sínodos e avança uma reflexão teórica sobre a finalidade da catequese, sobre a "catequética", como ciência da instrução fundamental e sistemática relativa à Boa Nova proclamada em nome da Igreja.

A sexta e última parte avança perspectivas de hoje e de amanhã, situando a catequese no mundo dos meios de comunicação social, da eletrônica, do audiovisual e das comunidades eclesiais de base.

Livro simples, direto. Serve como informação geral, resumida e didática da ampla problemática da catequese. Não tem maiores pretensões teóricas.

J.B.L.

---

ANTONCICH, Ricardo: *La Encíclica "Centesimus annus" en la nueva evangelización de América Latina*. Índice temático de la encíclica "Centesimus annus", por Luis Díaz Higarza - Lima: (CEP). 1992. 149 pp., 20,1 x 14,4 cm..

R. A. pretende fazer neste livro uma hermenêutica latino-americana da *Centesimus annus*, e, para isso, se inspira na dinâmica que a própria encíclica suscita (12). Isto é, toma como eixos da sua reflexão a *Rerum Novarum* e a *Centesimus annus*, o que lhe permite abarcar toda a história da Doutrina Social da Igreja. Essa hermenêutica toma como objeto de estudo quatro temas, que constituem o conteúdo dos quatro capítulos da obra: a propriedade, o conflito social, o sentido religioso, a evangelização. Cada um deles é estudado num breve percurso através da história destes cem anos de Doutrina Social, embora se dê atenção especial às duas encíclicas citadas.

O estudo de cada um dos quatro temas têm valor por si mesmo: neles se salienta a capacidade analítica do A. e seu amplo conhecimento dos documentos da Doutrina Social. Mas o que me parece ser o mais interessante da obra, é a seleção dos quatro temas e a maneira de relacioná-los entre si para obter como resultado uma síntese da *Centesimus annus*, fiel a seu conteúdo, embora lida a partir da América Latina. Com efeito, não há dúvida de que esta encíclica insiste no problema religioso (afirmação de Deus e antropologia que daí deriva) como pano de fundo dos problemas sociais mais característicos do nosso tempo (que podem ser identificados como a propriedade privada e o conseqüente conflito social). A referência à evangelização situa a Doutrina Social da Igreja na sua verdadeira perspectiva, como expressão de uma tarefa que nasce do núcleo mesmo da missão evangelizadora.

Suposto o valor geral da obra, permito-me algumas observações sobre pontos concretos. No capítulo sobre a propriedade parece-me insuficientemente sublinhada a evolução doutrinal da *Rerum novarum* à *Centesimus annus*: concretamente creio que mereceria maior atenção a contribuição da *Gaudium et Spes* e, sobretudo, a da *Laborem*

*exercens*. No capítulo sobre a evangelização, que é o que menos se fixa na evolução histórica precedente, parece-me que se deveria ter levado em consideração tanto o Sínodo de 1971 (incluído o documento sobre "Justiça no mundo"), como a *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI, sem os quais é difícil entender o alcance das afirmações de João Paulo II.

A obra se complementa com um amplo índice temático da Encíclica (pp. 109-149): sem dúvida um instrumento de grande utilidade para o estudo do texto.

*Ildelfonso Camacho*

---

*A barca de Pedro. Nos bastidores da Igreja.* - São Paulo: Atica, 1992, 480 p., 21 x 14 cm, ISBN 850804066-0.

A obra tem a apresentação de Frei Betto e inicia com um poema de P. Casaldáliga. É de autoria de uma jornalista norte-americana que viveu 25 anos na América Latina, católica praticante e identificada com a Teologia da Libertação e com os movimentos políticos de centro-esquerda. Ela analisa o conservadorismo na Igreja depois do Vaticano II, sobretudo no pontificado atual.

Os principais agentes do conservadorismo católico, segundo a A., são o Papa João Paulo II e a Cúria Romana. O objetivo de ambos é acabar com o pluralismo decorrente do Vaticano II e exercer uma dominação cultural e religiosa na Igreja e na sociedade através da imposição de uma única doutrina e disciplina.

A partir daí, o livro aborda as várias instâncias onde se tem manifestado o conservadorismo na Igreja Católica. A nomeação e o favorecimento de bispos conservadores. A perseguição aos bispos progressistas até chegar à destituição de funções do arcebispo de Seattle, Raymond Hunthausen. A Congregação para Doutrina da Fé e os processos e punições dos teólogos Charles Curran, dos EUA, Hans Küng, da Suíça, e Leonardo Boff, do Brasil. A pressão sobre as ordens religiosas masculinas e femininas, que culminou com a intervenção na Companhia de Jesus. A pressão sobre a imprensa católica e a destituição de alguns diretores de revistas. A tentativa de controlar as universidades católicas.

A este quadro se justapõe uma política religiosa para o laicato de incentivo a movimentos leigos conservadores, como Opus Dei, Comunhão e Libertação e a Ordem dos Cavaleiros de Malta. Na diplomacia pontifícia, a aproximação com o governo Reagan e a oposição ao governo sandinista da Nicarágua. Na catequese, a elaboração de um catecismo universal.

A posição da A. é a favor da revalorização do conceito de Povo de Deus em oposição ao fortalecimento excessivo da hierarquia, de uma Igreja pluralista em uma sociedade pluralista, assumindo a diversidade cultural, a opção pelos pobres e comprometida com a promoção da justiça.

O livro é extenso, tem muitas citações e a preocupação de fundamentar tudo aquilo que diz. Peca por um certo maniqueísmo e exagero, considerando maléfico quase tudo o que vem do Papa e da Cúria Romana, mas tem o mérito de trazer à tona, com muita documentação, aspectos reais da Igreja atual, esta barca de Pedro que há vinte séculos navega em meio a tempestades e bonanças.

*Luís Corrêa Lima*